

Apresentação

O Boletim Informativo do Instituto Geográfico do Espírito Santo, criação do ex-presidente Ormando Moraes, chega ao seu oitavo número.

O Boletim, criado para levar aos consócios as últimas notícias pertinentes às atividades da Casa de Domingos Martins e/ou de seus inte-

grantes, vem, agora, com substancial noticiário, além de conservar a sua paginação costumeira, inclusive com a seção "A Poesia é Necessária", também criada pelo ex-presidente Ormando Moraes, agora ocupando as páginas centrais.

A DIRETORIA

Consócio doá bicos de pena ao IHGES

O consócio Leandro Bongestab, da Trevo Antiguidades, doou ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo alguns bicos-de-pena, que tratam Vitória Antiga, adquiridos por ele, no Rio de Janeiro. As peças, já emolduradas, foram incorporadas ao acervo do IHGES, achando-se afixadas em suas paredes.

Vozes do Meu Silêncio em 2ª edição

O poeta e consócio Berredo de Berredo de Menezes acaba de lançar a 2ª edição do seu livro de sonetos "Vozes do Meu Silêncio". Também o consócio Humberto Del Maestro prossegue com intensa produção, lançando mais um livro.

Rogério Coimbra reconduzido

O Secretário de Estado da Cultura, Maciel de Aguiar, reconduziu o jornalista Rogério Coimbra ao cargo de subsecretário. Rogério é um profissional dos mais ativos na área da cultura, tendo sido o primeiro secretário executivo da Lei Rubem Braga, onde desenvolveu brilhante gestão.

Neida Lúcia lança novo romance

Em concorrida noite de autógrafos, a escritora e consócia Neida Lúcia Moraes lançou, na Livraria da Ilha, no Shopping Vitória, em 9 de abril, o seu mais novo romance: "O Sentido de Silêncio".

Mais um número do Jornal da AEI

Em circulação mais um número do Jornal da AEI, editado pelo consócio e presidente em exercício da Associação Espírito-Santense de Imprensa, Frederico Teixeira Filho.

Número especial para Nejar

Circulou em abril um número especial do Informativo do IHGES, totalmente dedicado à candidatura do poeta Carlos Nejar ao prêmio Rainha Sofia, da Espanha.

Membros do Instituto premiados

Os consócios Nara Saletto e Milton Teixeira Garcia foram premiados em 1º e 2º lugares, respectivamente, no Prêmio de Ensaio Aracruz/UFES, para 1986. Os parabéns, pois, aos consócios premiados.

NOTICIÁRIO

Seminário sobre Anchieta coroado de êxito

O seminário sobre o beato José de Anchieta, realizado, a partir do dia 19 de março, no espaço cultural da XEROX do Brasil, e promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e pela Academia Espírito-Santense de Letras, com a valiosa colaboração da XEROX DO BRASIL e do MUNICÍPIO DE ANCHIETA foi coroado de pleno êxito. Para o sucesso do evento colaboraram decisivamente os consócios Renato José Costa Pacheco, Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa, Luiz Guilherme S. Neves, Sebastião Sobreira e José Garajau da Silva, Rômulo Salles de Sá, Ester Abreu Vieira de Oliveira, Oscar Gama Filho, Ivantir Borgo, Aylton Rocha Bermudes, Mário Bonzano, Luiz Busatto, Sebastião Pimentel Franco, Maria José Salles de Sá, Tânia Rasseli Zanotti, e Ivan Borgo, além dos senhores Elias Rodrigues, Secretário de Cultura de Anchieta e Armando Gonçalves, consultor da Xerox do Brasil. De parabéns, também, o consócio Sebastião Sobreira, um dos coordenadores do evento e da romaria à Anchieta.

Poeta Carlos Nejar candidato ao Rainha Sofia

O consócio Carlos Nejar, membro, também, da Academia Brasileira de Letras e da Academia Espírito-Santense de Letras, teve seu nome lançado para concorrer ao mais importante prêmio literário da Espanha: O Rainha Sofia. O Instituto Histórico e Geográfico, em uma de suas sessões aderiu, à unanimidade, à candidatura do poeta.

Reinaldo Santos Neves premiado

O escritor Reinaldo Santos Neves teve o seu nome ratificado pela assembleia geral do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo para o prêmio Almeida Cousin, para conjunto de obra. A concessão, mais do que justa, premia um dos maiores nomes da literatura capixaba brasileira.

Lançamentos do 1º semestre

No dia 23 de abril, data internacionalmente consagrada ao livro, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo promoveu o lançamento do 5º fascículo da Histórica Panorâmica da Literatura, de Almeida Cousin, Norte do Espírito Santo: Ciclo Medereiro e Povoamento, de Ivan Borgo, Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa e Renato Pacheco. As duas obras foram distribuídas aos associados que compareceram ao lançamento. Na oportunidade, os consócios José Hygino de Oliveira e Berredo de Menezes lançaram seus livros A Vida e o Zeca e Vozes do Meu Silêncio. Durante o lançamento, o consócio Douglas Puppim coordenou uma apresentação de tocadores de concertina e cantadores de velhas canções dos imigrantes, em homenagem à imigração italo-alemã do Espírito Santo.

Padre Hipólito homenageado

O consócio Christiano Woelfel Fraga, na sessão do dia 03 de abril lembrou o papel de relevância que o Padre Hipólito Chemello desempenhou junto à comunidade de Anchieta, na preservação histórica do legado do Apóstolo do Brasil.

A CORAGEM DE SER

Xerxes Gusmão Neto

Dos quatro avós, certamente tive menos contato com vovó Inercicles, mãe do meu pai. Os quatro deixaram marcas registradas no retrato da minha existência, uns de um jeito, outros de maneira diferente. Ela, porém, me legou a singularidade de temperamento com um toque suave de doçura. Ela foi ímpar, especial, com a sua impagável coragem de ser.

De origem arriscadamente complexa, a comum mistura dos tempos passados entre os colonizadores portugueses e os nativos do pedaço, nada menos do que os índios. Desses últimos teria herdado uma incrível vocação para uma quase preguiça, no mínimo um "deixar acontecer", que era pouco compreendido pela família e, por que não dizer, por todos.

Gostava sim e por isso mesmo de uma roupa colorida, feita sob medida com os tecidos comprados na Casa Franklin, em Celina, na conta corrente de caderneta do velho Xerxes, que honrava suas loucuras de ano todo no momento de acerto de contas, ao final de cada colheita, quando trocava seus recibos da máquina de café por bom dinheiro vivo.

Gostava mais ainda das caminhadas de ir e vir entre a casa de alpendre do sítio e a movimentada Celina daqueles tempos. Depois das compras e das visitas aos parentes, sempre acompanhada das meninas Eunice e Atanyr ou do garoto Sandoval ou mesmo do já rapazote (ao tempo em que conheci essa história) Jônatas. Ela adorava andar em magote.

O folclore da questão, comentado por todo mundo, era o seu hábito de comprar no comércio da vila provavelmente na venda do Matavelli ou no João Túlio, pães e latas de sardinha ou peso de mortadela, que naquele tempo era irremediavelmente nominada de salame. E suas paradas nas sombras das árvores da beira da estrada para o consumo dos sanduíches.

A propósito, naquela época não se falava em sanduíche, mas sim "pão com sardinha" ou "pão com salame", ou ainda "pão com queijo" ou "pão com carne", este último de longe o meu lanche preferido. E ficava vovó ali no aconchego da sombra, saboreando seus petiscos, falando das coisas esquisitas da alegre Celina e retardando o mais possível sua volta à casa.

Em minha casa, um ni-

nho de adoradores e admiradores do jeito sóbrio do velho Xerxes, ela não tirava muita farinha, embora fosse sempre tratada com a hospitalidade inerente ao povo da roça e o respeito devido à mãe, nora e avó. Eu menino tinha uma profunda curiosidade por aquela figura quase exótica, pássaro nitidamente fora daquele ninho de normais.

Muitos anos mais tarde a velha Inercicles morreu atropelada no bairro Colégio, no Rio de Janeiro, em frente à clínica odontológica do tio Sandoval, um dentista prático muito prático e de reconhecida competência para arrancar dentes e ganhar dinheiro. Lamentei muito a sua morte, porque ela se foi sem que eu a conhecesse do tamanho que eu queria.

Hoje em dia, sempre que provo as recordações em família, ainda não encontro todas as informações que preciso, até porque o mais falador de todos, o saudoso tio Bolívar, herdeiro do tipo descontraído de minha avó, deve estar lá pelas sombras do infinito, conversando com ela sobre nós e, quem sabe, apreciando um delicioso pão com nuvem ou pão com saudade.

GRANDE CELSO (*)

Miguel Depes Tallon

Há alguns meses atrás, o jurista Celso Antônio Bandeira de Melo publicou na **Folha de São Paulo** um belíssimo artigo, a que tituló de "**Ainda há juízes em Berlim**", onde elogiava a postura honesta e independente do Judiciário Brasileiro, diante das investidas do tucanato.

Agora, o mesmo Celso, formado no companheirismo de Geraldo Ataliba - que por ironia morreu num 15 de novembro. E morreu para não morrer de desgosto vivo fosse - vem de ajuizar uma ação, tentando conter o crime de lesa-pátria que é a tentativa governista de vender a Vale do Rio Doce. Nesse instante, recordo a figura de Sérgio Bermudes, lembrando o velho Rui, no sentido de que **não se indignar é apequenar-se.**

O valor que o governo anuncia para venda da Vale é um escárnio, é uma bofetada na face da nação, capaz de doer mais que a de Oddulio Varela em Bigode. Quase o dobro o governo já entregou aos Bancos - Inclusive o da nora. Certos estão aqueles que, como José Tristão Fernandes, não se deixam enrolar pelo xenhenhém - a criação é de Ascenso Ferreira - neoliberal, e se insurgem contra essa perfídia que se intenta cometer.

Atônita, a nação vai se dando conta de que entregam a terceiros o seu patrimônio, enquanto um bem falante mocinho chama de **toscós** os que não se deixam enganar, nesses tempos em que num ritmo fugimoracelaradamente se vai chocando o ovo da serpente. É preciso, pois, ler Cony, ler Veríssimo, ouvir Barbosa Lima Sobrinho e, sobretudo, aplaudir esse publicista que é Celso Antônio Bandeira de Melo **o grande Celso.**

(*) Com a devida permissão de Renato Pacheco, para o título!

A ELEGÂNCIA DO MORTO

Ele partiu feliz, portanto um fato mui bem confeccionado por um dos melhores Alfaiates da cidade. Devidamente dentro de suas observações durante os dias que ainda podia dizer algumas palavras, sugestões foram cuidadosamente anotadas por seus amigos e mesmo por pessoas da família para que não houvesse falha no momento de sua partida. E assim, todas as suas observações foram cumpridas dentro da risca, como desejava o extinto que nos deixou, sem um recado e um bilhete, PARTINDO FELIZ...

Taneco

Cousa que acontece

Consultório médico, tarde quente, mês de março, não importa o dia e sim as horas; 16 horas precisamente. A sala de espera ainda vazia, em seu canto de paz comodamente sentada a atendente, que aguardava os clientes, sendo eu o primeiro a chegar, dentro em pouco outros e mais outros que chegam, e entre esses, uma senhora; de pronto ofereço meu lugar, que não é aceito, explico porque: Houve um chega prá lá, podendo eu permanecer onde me encontrava. - Todos calados, coisa rara em consultório médico, parecendo um velório, minha mente vagueava, buscando encontrar o imaginário, dentro em pouco sou surpreendido, tendo diante de meus olhos, duas coisas lindas que encontro em aquela senhora que a pouco havia chegado:

Seus pés! Começou o inesperado! Enquanto ela movimentava suas pernas, ora prá lá, ora prá cá, eu observava seus pés que mais pareciam com um rosto de

fino trato, seus pezinhos sorriam, mostrando os dentes em cores escarlates, e eu a rezar para que o médico demorasse a chegar, para tal arregimentei todas as rezas da "SAFADAGEM" para poder gozar por mais alguns momentos daquele cenário, quanto mais eu rezava, melhor eu via o brincar dos dedos daqueles lindos pés cuidadosamente tratados, repousados em uma delicada sandália de um solado fino e saltos baixo, dando-lhes um acabamento perfeito, quanta vontade de acariciá-los... Foi o que aconteceu durante duas horas...

A sala de espera continuava em silêncio onde eu vibrava de alegria, sentindo o efeito de minha reza...

Dado momento houve o esperado: Chega o médico, arrancando o brinquedo dos meus olhos, levando aquela senhora e seus encantos, esses da Mãe Natureza...

José Hygino de Oliveira

Taneco

Notícia de Jornal

passou a vida apagado
sem siderar a ninguém
passou a vida almejando
ser notado por alguém
mas como brisa que passa
vento brando que se vai
linha branca em fundo branco
nunca ou pouco sobressai
subiu na roda gigante
sobe e desce vai e vem
bateu as asas voando
liberto proi além

Antônio da Silva Monteiro

AMOR

*José Hygino de Oliveira
Taneco*

Eu te gosto
- Em qualquer lugar
- Te amo
- Por cima
- Por baixo
- De frente
- De costa
- De lado
- Em pé
- Sentado
- Deitado
- Na cama
- Na esteira
- Na relva
- No chão
- De qualquer jeito
- Até ajoelhado
- É amor

ACÚSTICO

Argemiro Seixas

Árvore amiga, velha confidente!
Lendária como a pedra e como o mar!
Buscam-te sombras sob o sol ardente,
E encontram pouso e paz, como no lar.

Retendo a vista a um ninho ali pendente,
Com tantos mais estando a balançar,
Imagina-se ouvir rapidamente
O passaredo em torno a pipilar.

Vão-se os tempos passando, e sempre em flores,
Inspirando aos homens nos seus labores,
E dando fibra e fruto sazonado.

Impressiona depois vê-la em gemidos,
Rolar do tronco séculos vividos,
Aos golpes vigoroso do MACHADO!

MEU PÉ DE CARAMBOLA

*Homenagem a Taneco
pelo Dia do Poeta.*

Meu pé de Carambola
Que ninguém dava bola
Mas eu não te esqueci
Ah! meu pé de carambola
Quantas vezes por baixo de tí
Relembrei meu amor
O amor que perdi...
Meu pé de carambola
Hoje com seus galhos
Me sinto ainda criança
Ah! meu pé de carambola
Só eu te dou bola
És minha doce lembrança.

*Raul de Oliveira
Guarapari, 14 de março de 1997*

INOCÊNCIA

*José Hygino de Oliveira
Taneco*

Mamãe, mais um aninho
Eu faço hoje né.

Mãe, você gosta d'eu?

Mamãe, eu tô crescendo, vou
Ficar Grande, você vai ver.

Eu mais grande, mais que
Você.

Mãe, por que Papai não
Veio ao meu aniversário?

Dois aninho, né? Mãe!...
Mamãe, eu queria ver meu Pai!
Ele é bonito?...
Mãe, ele mora no céu
Junto com Papai noé?...
Diz Mãe, pra eu - Diz!
Onde tá meu Pai?...

VERITAS

Osmar Barbosa — 11/04/96

Vejo na formação do ser humano
uma das obras máximas de Deus
e quando é cego e nulo o desengano
em que se envolve o círculo de ateus.

Na contextura vêm do mesmo plano
ricos e pobres, nobres e plebeus,
pois são iguais para o infinito arcano
os subalternos como os corifeus.

Em vão acima se empavona o orgulho.
Julgando os outros num poente entulho,
como se fossem de vil modo feitos.

Tudo no mundo para o pó existe.
Supremacia sim, só consiste
na paz e na conduta dos perfeitos.

LAMENTO

Tacy Cabral Zardini

Hoje a Lua se escondeu
As estrelas estão tristes

As nuvens estão em movimento
O tempo está chuvoso

Passa um pássaro solitário
Batendo asas

Em meu silêncio
Procuo resposta

Pergunto a esmo
Não há nem mesmo
Um sinal
Para acabar esta dúvida
Que me atormenta.

Meu coração lamenta
Tanta incerteza

Nem mesmo a Lua
Mostra sua beleza.

CRISTO - CRISTAL

Victor Biassuti

A taça de cristal, fantasia perdida,
quebrou-se, como um sonho fugidlo no espaço;
esfacelou-se, bomba-em-cadeia-na-vida;
desfez-se contra a pedra, partiu-se em pedaço.

Cada uma das frações guarda um pensamento,
no luzir das fagulhas soltas do cristal,
estrelando a amplidão do interno firmamento,
traz da unidade livre de um Cristo-Global.

Os cacos da pirâmide descem do monte,
o corpo sente as células que se desprendem;
na dimensão do Espírito vê a eterna fonte.

Somente um "cristo" pode refazer a história
do homem, varrer-lhe as falhas que à maldade o prendem,
ressuscitá-lo, qual fênix, da morte inglória.

DIAGONAL DE LUZ!

Esha Abreu Vieira de Oliveira

De Montemarte
Emcabeçando Paris

Turbante
lunar
Sobre
a
to
rre.

LISBOA

Renato Pacheco

Minha irmãzinha Lisboa,
amei-te à primeira vista.
Em Alfama hei de morar,
olhando o Tejo, as ruínas do Carmo
e ouvindo os rouxinóis no Castelo de São Jorge.

A RAPOSA E AS UVAS

Luiz Busatto

Teus olhos estão verdes
a esperança não os apanha
mas o desejo salta.
Muito astuto o desejo
dos teus olhos verdes.

A ROSA SOLITÁRIA

Heraldo Brasil

Quando cair do meu rosto
a lágrima que nele flutua,
há de nascer uma rosa
num canto de rua.

O céu brincando com a lua
deixou cair o brinquedo no chão,
o tempo passando na rua
o recolheu a solidão.

Passados os anos e eu
junto a eles também,
hoje o brinquedo cresceu,
agora é meu grande bem.

Muitas foram as tempestades,
juntos procuramos a bonança
e encontramos através as idades,
nossa imorredoura esperança.

Na rua não há mais tempo,
a solidão varrida pelo vento,
arrastou a lágrima de meu rosto,
no céu apenas a lua flutua,
assim nasceu uma rosa
num canto de rua.

HAICAIS

Magda Lugon

Aceito o mito
limito o efeito.
Primeiro canto.

O rio passa
bem o tempo não vai
o peixe nada.

SANTO ANTÔNIO

Papiniano Carlos

Não
foi por acaso
que convocaste
os peixes.

Fascinado
os peixes
te ouviram e contigo
acreditaram
num Deus onnipresente
e generoso
que da ignomínia resgataria
a espécie humana
por Ele criada
à sua imagem
e semelhança.

Hoje
no limiar do 3º milênio
só quem fôr cego e surdo
te não verá
ouvirá
Santo Antônio convocando
mais uma vez os peixes.

Até quando
Santo Antônio?

Será que nem mesmo Deus
o saberá?

HISTÓRIA DE UM ROMANCE

Abul Ibn Ommar Melladah Ali

O Presidente Nu, de João Bonino Moreira, editado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, é um dos mais altos momentos da ficção capixaba. Bonino consegue em seu romance provar que é perfeitamente possível criar-se algo a partir do nada. E foi exatamente o que fez João Bonino: a partir do nada, montou uma excelente farsa, com invulgar senso de humor. Mais: deu concreção a uma farsa monumental. O fato é que seu romance tem, também, uma história, que me proponho a contar.

O romance de Bonino começou do nada, ou melhor, de algumas conversas eflicax suas com um dos tradutores de meu pai e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Miguel Depes Tallon. Numa des-

sas conversas, Bonino confessou a Miguel seu desejo de escrever um romance sobre um dos períodos mais nebulosos da História Brasileira: o efêmero governo de Delfim Moreira, o presidente louco. E acrescentou que há algum tempo já vinha se dedicando à pesquisa do assunto, deparando com grandes dificuldades, que iam desde a omissão dos historiadores até o silêncio das autoridades.

Pensando no assunto, Miguel, então, imaginou o romance escrito por Bonino e preparou uma resenha a que tituló de **Entre a ficção e a história**. Tendo apreciado a resenha, Bonino a mostrou a Luiz Guilherme Santos Neves e Renato Pacheco, que se entusiasmaram com a idéia, se dispuseram a redigir, o primeiro, as orelhas do livro, e o segundo, o prefácio.

Prontos as **orelhas** e o **prefácio**, outra alternativa não restou a João Bonino Moreira, senão a de preparar o romance. Com os elementos obtidos em sua pesquisa e os oferecidos nas **orelhas**, no **prefácio** e na resenha, Bonino compôs magistralmente aquele que veio a ser, talvez, o mais singular e curto romance de toda a literatura brasileira, porquanto composto de apenas dois capítulos e de uma **explicação**, onde seu autor se justifica perante seus leitores, criando, dentro da sua própria ficção, uma ficção: o suposto incêndio que teria consumido os demais capítulos do livro, numa gráfica campista. Sem embargo, uma solução genial, coroando com uma pequena farsa essa farsa maior que vem a ser esse **grande** romance que é **O presidente nu**.

Colaboração com a SPDC da UFES

O Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, dentro do convênio de cooperação com a Universidade Federal do Espírito Santo, colaborará para a edição dos livros de Maria Isabel Perini Muniz sobre a arquitetura capixaba e de Milton Teixeira Garcia sobre São Pedro do Itabapoana.

Nota dez para a UFES

Os cursos de Administração e Direito da Universidade Federal do Espírito Santo receberam nota dez no recente **provão**, patrocinado pelo Ministério da Educação e Cultura. A UFES ficou entre as dezenove melhores universidades do país. De parabéns, pois, o ex-reitor Roberto da Cunha Penedo, a quem deve a universidade essa conquista, e ao atual reitor José Weber Macedo, por ter dado continuidade à obra de seu antecessor.

No **provão**, restou comprovada a superioridade do ensino público e a má qualidade do ensino particular. Se o quê o governo pretendia era desmoralizar o ensino público, em detrimento do ensino particular, o tiro saiu pela culatra, pois agora será muito mais difícil explicar para a sociedade a suposta necessidade de tornar ruim o que é bom, ou melhor, de privatizar o ensino público.

Cantem! Cantem! Cantem!

(Por ocasião do Encontro Nacional dos Músicos do Brasil em Vitória)

"ANSEIOS"

Por Windsor Calmon Fernandes,
médico e Membro efetivo e Relações
Públicas do IHGES.

A MÚSICA é a alegria da alma. Toda a natureza canta, louva ao Senhor. A música é a luz da vida, alimento para o espírito...
Por isso toda a natureza canta e louva ao Senhor.

O mundo acorda!
A vida desperta!
O sol nasce!
Os passarinhos cantam!

É a eterna canção de louvar da "Natureza ao Deus Criador". A música é um caminho de luz fulgurante, entre nós e o infinito. A música é uma das poucas coisas desta terra que continuará para sempre lá no céu. Desde a antiguidade a música tem exercido no homem um poder eterno, sobrenatural na mente, físico e intelecto do homem. Também nos acontecimentos mais marcantes do universo, a música tem estado presente.

- Na criação do mundo.
- Na passagem do Mar Vermelho.
- Na entrada triunfal de JESUS em Jerusalém (Hosanas ao Filho de Davi).

E finalmente será entoada pelos milhões de remidos, de todos os tempos, de todas as épocas, de todas as gerações.

DIANTE do grande Trono Branco do Rei do Universo, todos em uníssono cantarão a CANÇÃO DOS SALVOS, o cântico de Moisés, o cântico da VITÓRIA FINAL.

A música Sacra faz parte da integrante do Programa Celestial de Deus, ela é de origem divina. A verdadeira música encanta a vida e as pessoas. É uma linguagem universal que desperta interesse, estabelece comunicação, constrói pontes, transpõe barreiras, salta abismos, gera confiança, afasta temores e frutifica uniões.

O salmista exorta toda a criatura a louvar ao Senhor SALMO 150.1 - 6 (LER).

CANTAR é buscar o amor de DEUS a cada momento, durante toda vida. Fazendo cessar a dor, fazendo sentir saudades de DEUS e alimentando a grande esperança, do grande Reencontro, para sempre com a Fonte infinita das Canções Universais -, DEUS. Enfim, a música é a luz de cada amanhecer, é a brisa que suaviza nossas angústias, é a melodia que acalenta nosso silêncio e a lágrima que cai em nosso rosto. É o embalar da esperança que nos empolga a vislumbrar no horizonte do tempo, a perspectiva de uma vida sem fim.

A música é a paz que faz nascer em nosso coração o sentimento da felicidade permanente, eterna!

A MÚSICA é escada que dá acesso a Vitória quando nos sentimos no abismo da derrota.

Portanto, enquanto o tempo durar neste mundo, CANTEM!

CANTEM COM VOZ, CANTEM COM VIDA, CANTEM COM O CORAÇÃO, FAÇAM DE SUA EXISTÊNCIA NESTE PLANETA UMA ETERNA CANÇÃO DE LOUVAR AO NOSSO GRANDE DEUS.

Prof. Dr. José Paulo de Souza Filho

Aqui, em meu quarto... silencioso
os momentos passo... pensando
em mim... em nós... em você... nos amando
para nós... este grande amor, precioso!

Enquanto lá fora... ao relento, o
véu da noite caminha,
enquanto a madrugada se aninha,
e o nosso amor não se finda...
o sono não me chega... Por quê?
Por que o meu pensamento, carinhoso e
sensual,
samente... samente está em você.

A noite escurece, sombria, em meu quarto,
o seu, o meu, um dia... o nosso.
E então, calmamente, o sono chega ao meu
leito,
sonho que, ao ser apertado contra seu peito,
todo o meu sêr se estremece,
o silêncio da noite a tudo envolve...
sob o olhar malicioso das estrelas,
só se ouvem nossos anseios!

Ao amanhecer, como sinto tua ausência!
A lembrança de seus lábios junto aos meus,
ao mesmo tempo... beijo os lábios teus,
em desespero abraço a tua imagem... e,
entre os meus anseios... descanso.

O tempo à noite vence, quando...
os raios do sol brilham em meu quarto.
Acordo... procuro, em vão, sua presença
quero abraçar-te! Em vão... apalpando no
vazio
sinto a sua ausência.

Mas quero que saibas meu amor,
que mais destas noites quero ter,
para sonhar... sonhar com você...
tendo-a como minha mulher... amando-a
para que, quando tiver mais destes sonhos...
e que, num dia não muito distante,
se façam realidade.

E satisfaçam meus anseios.

Carta do consócio Ivan Borgo ao Presidente do IHGES

Vitória, 25 de abril de 1997.

Caro presidente do IHGES, Dr. Miguel Depes Tallon,


Não poderia deixar de expressar-lhe e à Diretoria do Instituto, calorosos cumprimentos pela realização da denominada cantarola do último dia 23.

Com efeito, essa cantarola formada por peças do cancionero e do folclore italiano acentua a linha de dinamismo que V. Sa. vem dando à administração do Instituto Histórico. Nossa instituição é importante instrumento de preservação das melhores tradições culturais de nosso querido Estado do Espírito Santo e o evento aludido vem reforçar tal convicção.

Ressalto também a forma como o evento foi realizado e onde predominou a espontaneidade. A cantarola - feliz designação que lhe foi dada pelo Dr. Douglas Puppim - traduziu muito bem o próprio jeito com que essas reuniões eram feitas pelos imigrantes naqueles primeiros tempos. Reuniões para marcar datas significativas como casamentos, aniversários e festas religiosas quando aqueles bravos pioneiros da ocupação de nosso interior cantavam essas canções para espantar a dureza dos primeiros tempos e a solidão em que viviam submersos. Tenho a mais plena certeza que essas canções foram elementos da mais alta valia para forjar a resistência daquele pessoal diante das dificuldades que encontraram. Pode, portanto, V. Sa. avaliar com que emoção ouvimos nas honoráveis dependências do nosso instituto, o eco longínquo dessas manifestações de nossa antiga gente.

Por tudo isso, caro Presidente, só me resta agradecer-lhe pela realização da cantarola, pedindo ainda que este meu agradecimento e, por certo, o de todos que os que participaram daquela memorável festa, seja registrado nos anais desta Casa.

Atenciosamente



Ivan Borgo
Sócio do IHGES

UM PEDAÇO DO LÍBANO EM VITÓRIA

Miguel Depes Tallon

Em 1989, Said Ghraizi ancorou em Vitória, instalando um pequeno comércio, a que chamou de **Said-Kibeleza**, numa pequena transversal da Reta da Penha, onde o DETRAN aplica seus exames. Ali, com um serviço pessoalíssimo, uma cerveja sempre gelada, **arak** e, naturalmente, uma variedade muito grande de pratos árabes (**hâmus tahine, mjadári, kibe cru, kibe frito, kafta, esfiha, mehche, tabule**), Said foi construindo uma clientela, que o acompanhou em sua transferência para a praia de Camburi, onde obteve do Município, um quiosque, ao qual deu o mesmo nome de **Said-Kibeleza**.

Em Camburi, Said aprimorou seus serviços, conseguindo, inclusive, que vez por outra, algumas dançarinas apresentassem a dança do ventre.

De Camburi, Said se deslocou, mais uma vez,

para a rua Carlos Delgado Guerra Pinto, 845, em Jardim Camburi. A casa nova recebeu o nome já conhecido de **Said-Kibeleza** e o serviço que era bom, melhorou ainda mais com a chegada dos irmãos Thalia e Amel, esta exímia cozinheira que, além dos pratos tradicionais, passou a brindar os frequentadores com doces árabes.

A casa é simples e acolhedora, existindo quase uma confraria entre seus frequentadores, apreciadores do que a culinária árabe tem de melhor. O acesso, também não poderia ser mais fácil: tomando-se a rua do Hotel Porto do Sol, percorrem-se mil e cem metros, até o primeiro cruzamento à esquerda, onde se entra, chegando-se a uma pracinha, onde um cedro verde pintado na parede indica que ali começa o Líbano.

HAICAIS

Berredo de menezes

I

Pelo bambuzal,
o vento chora em murmúrios.
Tórrido verão.

II

Anunciando o inverno,
o bambuzal dança, em festa.
Vento e luar nas folhas.

III

Bambuzal sem folhas:
- lembrança triste da infância
que os verões plantaram.

HAICAIS

Humberto Del Maestro

I

De azuladas flores
o jacarandá se veste.
Floresta enfeitada.

II

Há pouco chovia
agora apenas o vento
é dono da rua.

III

Estação do riso.
Olho os laranjais floridos,
abelhas e pólen.